

COnVIDem O VÍRUS

Nome próprio: João Fernando André

Nome artístico: Sekele da Kahama

Ano da escrita: 2020

DIA 1

Filho

(Nostálgico!)

- Alô, mãe!

Mãe

- Alô, filho!

Filho

- Tudo bem aí?

Mãe

- Sim. Está tudo bem. Estamos de QUARENTONA.

Filho

(Rindo-se)

- Mãe, não é QUARENTONA. É QUARENTENA.

MÃE

(pasmada!)

- Como assim não é QUARENTONA?

Filho

- Mãe, QUARENTONA são aquelas senhoras que têm 40 anos. Aquelas senhoras que namoraram com os jovens.

Mãe

- Suku! Wawéee minha vidéeee! Obrigado, filho. Então, estamos de quarentEna.

Filho

(sorrindo)

- Tchau, mamã!

DIA 2

Kizua

(Licenciado pela Universidade de Lisboa, 24 anos, professor.)

- Tia das frutas, vem!

Ngueve

(Zungueira. De 40 anos. Com uma banheira cheia de frutas do conde, laranjas, abacates e bananas.)

-Mó filho, compra das boas frutas.

Kizua

- Quanto é a fruta do conde, mamã?

Ngueve

- Fruta do conde mais é o quê, mó filho? Nunca escutei esse nome!

Kizua

(Com um sorriso no canto dos lábios.)

- É esta fruta esférica que as pessoas aqui chamam fruta pinha.

Ngueve

(Admirada!)

- Ó mano, não sabia! Vocês que passaram na carteira inventam outros nomes para as coisas que os que não estudaram comem ou vêem sempre. A fruta pinha é 4 mil.

Kizua

(Desconhecedor da realidade sociolinguística angolana.)

- 4 mil, mamã! Uma fruta quatro mil!!!

Ngueve

(Assustada pela reacção do jovem!)

- Mó filho, não é uma fruta quatro mil! Quatro frutas é que é 1000 kzs.

Kizua

(Mais tranquilo.)

- Ok. Pensei que fosse uma fruta 4 mil.

Ngueve

- Mó filho, eu sei que ninguém ia comprar. Ainda mais nesse momento que 'tamos com aquela doença que 'tà matar!

Kizua

- Tia, não fica triste vai passar. Mas a tia não devia vir vender. Tinha que ficar em casa com as crianças e o marido.

Ngueve

(Tirando um muxoxo.)

- Mas assim vamos comer o quê se eu não zungar, mó filho? Eu sou viúva de homem vivo.

Kizua

- Tia, o que é isso de viúva de homem vivo?!

Ngueve

- O mano nunca ouviu essa palavra? Não sabe o que é uma viúva de homem vivo?

Kizua

- Tia, nunca ouvi essa palavra. Não faço ideia do que se trata.

Ngueve

(Lamentando amargamente.)

- Viúva de homem vivo são todas as mulheres que têm filhos, mas os maridos não assumem ou não vivem com elas porque têm uma segunda mulher. Elas é que compram a comida para casa. Elas é que pagam a escola das crianças. Elas é que cuidam de tudo em casa.

Kizua

(Com uma tristeza desenhada no rosto.)

- Aié! É muito triste, tia!

Ngueve

(Dando ao cliente um saco com frutas no seu interior.)

- Mó filho, toma só as tuas frutas. Se eu ficar aqui a vender cacusso contigo ainda vais só chorar ou pode aparecer um fiscal e levar a minha banheira.

Kizua

(Recebendo o saco com frutas.)

- Mamã, toma o dinheiro. E vai já para a casa antes que venha um fiscal e te leva a banheira!

Ngueve

(Rindo-se!)

- Mó filho, não liga muito! Já 'tamos habituadas.

DIA 3

(Poderia acontecer em qualquer igreja cuja teologia é a da prosperidade.)

Agente

- Bom dia, senhores!

Pastor 1

(Irritado com a presença dos agentes da ordem pública.)

- Sim. Bom dia, irmãos! Em que lhes podemos ajudar?

Agente

(Sabendo da retórica dos pastores.)

- Nada de ajuda, senhor! O senhor e os seus irmãos dessa igreja devem fechar as portas. Não há cultos.

Pastor 1

- Irmão da lei, nós tomámos as medidas necessárias. Temos tudo sob controle.

Agente

(Com cara de poucos amigos.)

- Quando o senhor pastor diz que têm tudo sob controlo quer dizer o quê?

Pastor 1

- Irmão, quer dizer que comprámos álcool em gel para todos os fiéis que afluírem a casa de Deus, que aumentámos o número de cultos e que cada culto só terá 100 pessoas. Como vê, teremos muito trabalho, mas, para a obra do Todo-Poderoso, não nos sentiremos cansados. Vamos estar firmes na palavra, a rezar para que o vírus seja quebrado em nome de Jesus, irmão policial!

Agente

- Senhor, nada disso. Não haverá culto aqui com os fiéis. Só têm uma opção.

Pastor 1

(Visivelmente triste.)

- Irmão policial, as coisas de Deus não podem parar segundo a vontade do homem. Mas qual é a opção que temos?

Agente

- Eu sou cristão, mas estou a cumprir a ordem superior. A opção que vocês têm é a de realizarem um culto sem fiéis e disponibilizarem na internet ou na televisão se for possível.

Pastor 1

- Irmão da lei, a nossa igreja faz milagres e cura os doentes in loco. Como é que vamos curar os doentes pela internet ou pela televisão?

Agente

(Já irritado com o discurso do Pastor.)

- Senhor, eu fui educado e passei a mensagem dos meus superiores. Não haverá culto aqui durante duas semanas. E nós vamos patrulhar essa zona para termos certeza de que não estão a desacatar a palavra das autoridades! Boa continuaçāo! Até breve!

Pastor 1

(Com algum medo e raiva ao mesmo tempo.)

- Está bem, irmão da lei!

(Alguns minutos depois, as rodas do carro dos polícias já beijando o tapete asfáltico da avenida...)

Pastor 1

(Conversando com o Pastor 2.)

- Pastor 2, estamos mal! Não funcionou a nossa táctica. Parece que o Executivo já não quer mesmo que se realizem actividades em Ngola durante esses 15 dias.

Pastor 2

- Agora, o que faremos com todo esse álcool que comprámos para desinfectar as mãos dos nossos fiéis? E quem vai pagar o esforço que fizemos para traçar uma programação como a que está nesta folha A4?

Pastor 1

- Vamos passar todo o álcool gel a uma farmácia. Para termos o dinheiro que gastámos de volta. Que remédio!

Pastor 2

(Suspirando!)

- Corona, *vade retro!* Pastor 1, ligue para a irmã Imaculada Mão de Ferro. Ela tem uma farmácia. Diga-lhe que Deus tem um presente para ela a bom preço.

Pastor 1

(Sorrindo, puxa o celular da algibeira e liga para a tal fiel.)

- Aló, querida irmã! Deus tem um presente para si nesse tempo de tribulação.

Irmã Imaculada Mão de Ferro

(Assustada pela chamada do Pastor 1, por quem tem muita estima.)

- Aló, Pastor 1. Antes de tudo, aleluia!

Pastor 1

- Como está, minha irmã em Cristo?

Irmã Imaculada Mão de Ferro

- Estou bem, pastor! A situação do país é triste, mas, não sei se feliz ou infelizmente, os negócios aqui na farmácia estão a andar. E eu que não queria apostar neste negócio, mas Deus sabe o que faz.

Deixei de vender cervejas há dois anos e apostei na farmácia, embora com algum receio. Agora, estou eu aqui a vender muitas cloroquinas e o álcool gel que até já está a acabar no stock.

Pastor 1

- Aleluia, querida irmã! Dê graças ao Senhor, porque temos aqui muitas caixas de álcool para vender à irmã a bom preço.

Irmã Imaculada Mão de Ferro

(Contente!)

- Graças a Deus, Pastor 1! O vírus vai passar e vamos voltar ao normal. Quando é que posso passar para pegar as caixas de álcool?

Pastor 1

- Irmã, pode aguardar à noite na sua farmácia. Vamos enviar dois servos de Deus para fazerem a entrega. Quanto ao pagamento, o Pastor 2 vai lhe enviar uma mensagem o mais cedo possível com o valor e a conta bancária do álcool.

Irmã Imaculada Mão de Ferro

- Glória! Aguardo então mais tarde os obreiros e todo o álcool gel, Pastor 1.

Pastor 1

- Amém, irmã! E não se esqueça de aumentar o dízimo na conta que o Pastor 2 lhe vai enviar. O dízimo é o IRT de Deus, irmã. Deve ser pago sempre.

Irmã Imaculada Mão de Ferro

(Sorrindo!)

- Está bem, Pastor 1. Fique com a paz do Senhor!

Pastor 1

- Amém, cara irmã!

DIA 4

(Ambiente: Luz solar. Dois apartamentos.)

Nvunda

(Ateu, filósofo, de 33 anos.)

(Abrindo a porta do seu apartamento.)

- Vizinha, bom dia! Agora, aqui só se ouve já louvor?!

Weza

(Mestiça, de 29 anos, retornada de Portugal. Vive na casa da mãe.)

- É verdade, vizinho. Que remédio! Estamos em tempo de quarentena. Tempo de tristeza. Só Deus para nos ajudar.

Nvunda

(Meditando.)

- Vizinha, uma pergunta: antes de anunciar esse mal, tu já ouvias louvor?

Weza

(Admirada!)

- Raramente ouvia. Mas agora é tempo para reflectir sobre muitas coisas. Está todo o mundo com medo.

Nvunda

- Isso não é de hoje. As pessoas só acreditam em Deus por interesse. Têm-no como o Todo-Poderoso só quando sabem que não são capazes de resolver uma coisa.

Weza

- Vizinho Nvunda, isso é fruto da pilha de livros que andas a ler. Até dá medo quando abres a porta e a janela do teu apartamento. É muito livro por aí!

Nvunda

- Os livros são os meus filhos. Tenho muito afecto por eles.

Weza

- Devias ter um filho verdadeiro pelo qual terias muito mais afecto.

Nvunda

- Achas que este globo azul está bom para eu pôr um novo humano aqui? A terra está mal: é o aquecimento global, é a malária, é a poluição, é a desflorestação, é a ambição humana, é a desigualdade social, é a família da modernidade líquida, é os políticos sem cabeça e é todo um conjunto de males. Eu não sei como é que as pessoas ainda têm a coragem de continuarem a fazer bebés. "É uma vida sem esperança", disse um senhor certa vez.

Weza

(Gozando com Nvunda!)

- Essa pode ser a desculpa de um bom mbaku. Cuidado, vizinho Nvunda.

Nvunda

(Sorrindo!)

- Ora bolas! As pessoas não entendem. O meu amigo Schopenhauer tinha razão: "as pessoas de pouco entendimento são felizes demais!"

Weza

(Desconfiada!)

- Vizinho Nvunda, deixa lá disso. Das duas uma: ou o vizinho é mbaku, sem ofensa, ou o vizinho é mão de vaca! Com essa idade não faz filho porquê?

Nvunda

(Sorrindo!)

- Aí está o problema, minha cara. O conceito de mais-velho em África devia ser revisto. Há muita gente maior de 18 anos que não tem condições para ter filho, mas tem-no só por obrigações sociais. A vizinha acha bom ver aquela ninhada de fedelhos no 1º de Maio, na Marginal, à porta dos restaurantes ou nas pedonais?! É uma tremenda vergonha. Os pais daquelas crianças deviam é ser presos por utilização da faculdade inata da reprodução sem condições.

Weza

- Nvunda, tens lá o teu quê de razão. Mas tu tens as mínimas condições para ter um filho pelo menos. Nunca se sabe o amanhã. Com esse vírus que está a assolar a humanidade, falar não é acontecer, ainda o apanhas e partes sem deixar um herdeiro dos teus livros?

Nvunda

(Assustado!)

- *Vade retro!* Não voltas a falar comigo se repetires isso! Não vês que eu estou aqui em casa de quarentena e só saio para comprar comida e apanhar ar natural?

Weza

- Desculpa se toquei na ferida. Mas temos todos que manter a continuação da população humana. Eu já tenho a minha filha. Ora, vou para o trabalho.

Nvunda

(Gozando com Weza.)

- Cuidado! Usa máscara ali no BPC. O problema é que ninguém sabe quem carrega o vírus. Esse vírus é só para provar que no mundo tudo é vaidade. Até mesmo ter filhos ou acreditar em Deus!

Weza

- Nem te vou responder! Até logo! E mais não digo!

DIA 5

(Depois de uma reunião dum Conselho de Ministros dum país do continente berço. Ao coffebreak.)

Ministro

(Puxando uma conversa do seu secretário de Estado.)

- Ó Secretário de Estado, eis aí a situação do país: tumulto e insegurança diante do caos!

Secretário de Estado

- É triste a situação, meu bom amigo! Mas há gente que vai ser mais milionária quando esse pesadelo passar.

Ministro

- Acredito que estejas a falar do Gigante Asiático e das empresas de bens necessários, não estás?

Secretário de Estado

- Claro que estou. Já viu quase todo o mundo de quarentena durante três ou mais semanas!! É muito dinheiro que está a rolar, mas parece que não. Mas a mim ninguém me engana.

Ministro

(Segredando.)

- Meu bom amigo, eu logo sabia que o mundo pararia. E que seria uma boa oportunidade para quem tivesse visão. Mandei a madame lá de casa abrir uns três supermercaditos e a irmã dela umas cinco farmácias. Nesse momento, estamos a facturar algum dinheiro legal vendendo bens necessários. Valeu a pena.

Secretário de Estado

(Lambendo os lábios.)

- Grande pensamento estratégico, ehn, senhor Ministro! Eu estou com uma empresa de importação de material gastável. Vou recebendo paulatinamente a minha parte.

Ministro

(Com curiosidade.)

- Mas afinal quem é que o Presidente vai nomear como responsável pelo pagamento dos subsídios aos muitos desfavorecidos sociais.(?) Estou curioso, porque sei que ali vai rolar muito dinheiro!

Secretário de Estado

- Há boatos de que vai nomear a Primeira-dama. Mas dizem que terá um testa de ferro a dar a cara como o coordenador.

Ministro

(Admirado!)

- Ora essa! A Primeira-dama!! Mas isso será um *familybusiness*? O velho é um espertalhão.

Secretário de Estado

- Achas que é por acaso que ele chegou ao poder? Em África, como em outras bandas, não se chega a presidente sem sujar as mãos directamente ou indirectamente. Os santos são como a lua, também têm os seus lados escuros.

Ministro

(Calculando.)

- Então, dá-se umas míseras notas à ralé e fica-se com todo o resto para a família! Ena! O velho é um granda estratega.

Secretário de Estado

(Mostrando a sua visão política e gozando com o Ministro.)

- Já diziam os chineses: «tempo de crise pode ser tempo de oportunidade», meu ilustre Ministro. Vamos voltar ao trabalho. Nada de cobiçar o que é do outro. Até porque é pecado.

(Os dois rindo-se.)

Ministro

- Meu amigo, Deus abandou África há muito tempo. Estamos aqui sem saber o que fazer com tanto povo, tantas línguas e demasiado recurso natural! Estamos amaldiçoados. Por acaso não foram as línguas que impediram a construção da torre de Babel?

Secretário de Estado

- O meu amigo quer dizer que África é uma metáfora da torre de Babel?

Ministro

- Aí já o entendimento é do camarada. Deixemos lá de filosofias e voltemos ao trabalho para ver se melharemos alguma coisa nesse país tendo em conta o vírus da situação, meu amigo!

DIA 6

(Em um palácio de um dos supostos estados democráticos e de direito em África ou na América do Sul.)

Cidadão comum

(Contente por ser recebido pelo Presidente da Res pública em tempo de Estados de Emergência e Calamidade.)

- Bom dia, senhor presidente! Como está?

Presidente

(Com os olhos pesados por não ter dormido em paz há três semanas e sem pachorra para mais nada.)

- Estamos bem, meu compatriota!

Cidadão comum

(Mascarado e explicando-se com algum medo.)

- Eu pedi uma audiência com o senhor para mostrar a minha visão do país durante estas três semanas, senhor Presidente.

Presidente

(Já achando que a conversa não fazia sentido nenhum.)

- Meu caro, se for para parlar muito e no fim pedir algum dinheiro do Estado, já adiantamos que o cinto das calças do cofre do Estado só está a fechar por causa de mais uma casa que nele colocámos, ou seja, estamos apertados. É a crise, é a queda do preço do petróleo e, para o nosso azar dos azares, o maldito vírus da situação. Podemos lhe confessar que não tem sido fácil estarmos na posição em que estamos. Tem sido difícil ser presidente!

Cidadão comum

(Admirado pela confissão do Presidente.)

- Senhor, longe de mim vir pedir dinheiro ao Estado nesse tempo em que até o mais pobre dos cidadãos comum(uns) tem recebido mensagens para apoiar financeiramente o Estado! Eu vim é dizer algumas coisas que acho estarem muito bem durante este tempo de quarentena mundial!

Presidente

(Agora, meio curioso.)

- Então, vamos a isso, meu bom amigo! Diz lá!

Cidadão comum

(Com as pernas bambas e um frio na barriga.)

- Ora, senhor Presidente, por uma, deixe-me dizer que, com todo o respeito que tenho pelo Estado e pelo partido, afinal o nosso velho pensamento de que o Governo não pode governar a 100% tem caído por terra. É sim possível. E o senhor e o seu staff têm-no mostrado ultimamente.

Senhor, esperamos todos que essa pandemia passe o mais rápido possível, mas há exemplos de boa governança que daqui podemos levar para toda a vida.

Por outra, já sendo telegráfico, que tal se mantivermos o policiamento que temos tido mesmo depois do Estado de Emergência! (?) Que tal se mantivermos a água é a energia em todas as casas quase que sem cortes! (?) Que tal se os mercados informais funcionarem só até às 16 horas! (?) Que tal se nos táxis azuis mantivermos só 6 pessoas! (?) Que tal se na televisão pública houver sempre aulas! (?) Que tal se os ministros continuarem a trabalhar com afinco! (?) Que tal se tivermos mais controlo nas nossas fronteiras! (?)

Portanto, senhor, tem-se notado uma ordem e tranquilidade nas ruas. Dizem que há mal que vem para bem. Ilustre, temos aqui bons exemplos para mantermos. E, se for para mudar, que seja para melhor! O povo está a sentir o Governo e o Governo está a sentir o povo, caro Presidente. É incrível!

Presidente

(Quase que sem palavras.)

- É verdade! O povo está a sentir o Governo e o Governo está a sentir o povo. Tanto assim que estamos a gastar muito dinheiro comprando material, dando comida aos quarentenados dos centros que criámos e outras coisas. Prometemos que havemos de pensar seriamente nessa proposta. É dura, mas é séria.

Cidadão comum

(Agora, menos tenso.)

- Era isso, senhor. Espero não o ter ofendido em nenhum momento! Como sei que o senhor tem muito trabalho, vou-me embora!

Presidente

(Tomando um cafezinho.)

- Obrigado pelo reconhecimento do nosso esforço e, caso necessário, vamos chamá-lo para dar mais um parecer. Mostrou-se um cidadão patriota!

Cidadão comum

(Feliz!)

- Obrigado, senhor Presidente!

Presidente

(Gratificando o cidadão comum.)

- Passe pela sala do vice-presidente e diga que eu lhe mandei enviar dois sacos de arroz e mais alguns bens essenciais para a sua residência. Tenha um bom dia, compatriota!

Cidadão comum

(Sendo íntegro.)

- Com todo o respeito, senhor Presidente, não posso aceitar essas ofertas de arroz e bens necessários! Eu ainda tenho um pouco lá em casa, mas, nesse país e no mundo, há pessoas que nada ou quase nada têm para comer. É a elas que o Governo devia oferecer esses bens, meu Presidente.

Presidente

(Brincando e deixando o cidadão a reflectir na sua resposta.)

- Ora bolas! Houvesse mais homens como o senhor, parece que o capitalismo nunca teria existido. Porém, o meu amigo já leu o livro *As 48 Leis do Poder*, de Robert Greene e Joost Elffers?

Cidadão comum

- Não, senhor, nunca o li.

Presidente

- Então, passe pela minha biblioteca e diga ao funcionário para lhe dar uma cópia em meu nome. Dou-lhe esse livro para que nunca tenha problemas com os futuros Presidentes do país. Para que não venha a correr o risco de ir mais cedo para a outra dimensão. O senhor é um bom cidadão. É de pessoas como o senhor que o mundo precisa, mas...

DIA 7

Ngulani Ouattara

(Presidente de um país e partido africano. De 50 anos.)

(Sentado na cadeira do seu gabinete e monologando.)

- Logo no meu segundo mandato tudo começa a dar para a merda?! Não há dinheiro para me enriquecer?! O preço do petróleo baixou, ninguém entra no meu país para comprar diamante ou madeira devido ao vírus da situação, os contribuintes estão a descontribuir. E ainda tenho promessas essenciais a cumprir. Tenho a corda das autarquias no meu pescoço. Como eu vou fazer sem dinheiro nenhum?

Naomi

(Mulher do presidente. De 45 anos.)

(Vindo da cama onde passa a maior parte do tempo sozinha, porque o velho só precisa dela quando há recepção no palácio, doações em tempo de campanha eleitoral ou comícios do partido.)

- Ó senhor Presidente, sempre a pensar no país e no partido? Deixe lá disso, meu marido. Durma!

Ngulani Ouattara

(Com um copo de whisky na mão direita.)

- Achas que é fácil governar o país e o partido, mulher? Isso é como um erro bom. Há vantagens, mas põe qualquer um mais velho do que seria se fosse um cidadão comum. É o Ocidente e o Oriente na minha cola, a oposição, alguns membros do partido que não gostam de mim e ainda tenho os pobres cidadãos que me têm como pai! Raios! Às vezes, dá vontade de largar esta posição e viver a vida sem ter que pensar em n assuntos!

Naomi

(Tentando acalmá-lo com massagem e sugestões.)

- Tirando o vírus da situação, o que é que te apavora mais, marido?

Ngulani Ouattara

- As promessas que fiz na última campanha eleitoral, mulher! É que eu não tinha outra chance para vencer se não fizesse aquelas promessas. (Tragando um pouco de whisky.) Às vezes, fico a ver os vídeos daquela campanha eleitoral e vejo que exagerei. Já viu eu prometer criar uma Dubai em África?! Prometer criar as autarquias em todas as províncias deste país tão grande?!

Naomi

(Sorrindo!)

- Todos sabíamos que estavas a brincar. Não liga muito. Vamos só cuidar de proteger o país contra esse vírus maluco que fez adiarmos as férias que passaríamos no Uruguai. O resto Jesus resolverá.

Ngulani Ouattara

(Utilizando a sua formação marxista-leninista.)

- Qual Jesus! Jesus já morreu há muito tempo, senhora!

Naomi

(Gozando e aconselhando o esposo.)

- Vocês socialistas e comunistas vão arder no inferno por não acreditarem no Senhor. Ora, então, deixe um legado pelo menos, marido. Faça as eleições autárquicas serem uma realidade no país.

Ngulani Ouattara

(Esclarecendo a situação política.)

- Este é o meu maior medo: dar o gostinho das autarquias ao povo e o meu partido perder o controlo de uma boa parte do país. Este é o problema. Hoje, a maior parte da população do país é jovem e esses jovens andam muito espertos, não tratam o cartão do partido, vivem falando mal do partido nas redes sociais e até nem aceitam usar os capacetes que o partido ofereceu aos moto-taxistas para se protegerem e protegerem os seus passageiros. Já pensaste como é que ficaria o país com a oposição a governar a maioria das províncias, mulher? Isso seria um Congo! Dói-me só de pensar!

Naomi

(Assustada!)

- Epah! Seria trágico e seria dessa que a oposição pensaria que está a um passo do poder central. Ena! Mas e as máquinas? Vocês não dizem que controlam as máquinas dos votos?

Ngulani Ouattara

- Mulher, isso nem sempre funciona. Da última vez, quase que perdia! Essas máquinas vêm do Ocidente ou do Oriente, eles podem trocar as coisas por meio de um comando. E eu que acabei com a raça de alguns empresários dos dois lados!! Estou meio frito com essas máquinas!

Naomi

- Relaxa, marido! Há males que vêm para o bem. Então, como de momento você é o dono de todo o poder por causa do Estado de Emergência declarado, estique mais por um mês como diz a cláusula e adie as tais autarquias por falta de recursos! O povo vai entender. E a voz do povo é a voz de Deus. Ninguém da oposição vai piar. Se alguém piar, vamos accionar os nossos fazedores de opiniões para lhe chamarem de vende pátria, inimigo do país é antipatriota. Todos sabem que estamos a gastar muito por causa do vírus da ocasião.

Ngulani Ouattara

- Mas o povo vai comer o que se ficar mais um mês em casa?

Naomi

- Agora, quase que voltaremos ao tempo do partido único: vamos criar as lojas do povo, vamos entregar cesta básica durante o mês, manter as cisternas e os geradores a darem água e energia aí

onde a da rede não chega ou reclamarem. Só por um mês. Depois, tudo volta ao normal. Só para adiarmos esse mal que o senhor tinha prometido.

Ngulani Ouattara

(Admirado com a visão estratégica da mulher.)

- Boa ideia! É por isso que eu casei contigo. Logo que te vi naquele cativeiro, percebi que havia uma Sun Tzu dentro de ti, mulher! Vamos para cama, que hoje eu te como toda como nunca mais o fiz!

Com recurso ao mágico poder da palavra, transportou-nos a uma sala de teatro e, como se fizéssemos parte de outro planeta, deu-nos, durante sete dias, a assistir às cenas que **não** aconteceram num momento de grande incerteza para toda a humanidade, por estar mergulhada numa guerra contra um atroz inimigo invisível, que dizimava, de forma impiedosa, milhares de seres humanos diariamente.

Os sete textos-peças são frutos de uma apurada sensibilidade, mostraram-nos a forma como as pessoas reagiram diante de uma pandemia que se mostrava sequaz da verdadeira democracia, que parece não haver em parte alguma da terra, pois não olhava para a classe social das suas vítimas, tampouco para o tom de pele.

O palco da sala de teatro, em que nos remetera a leitura, ganhou cenários diferentes. Ora era a rua de uma urbe qualquer, ora um Palácio Presidencial de um país africano. No palco, a sua pena mostrou-nos como a reacção das pessoas face ao momento divergia.

Enquanto o mundo guerreava contra o inimigo invisível chamado coronavírus, as palavras de ordem eram: ISOLAMENTO e SOLIDARIEADE. Era preciso isolar-se para cortar a cadeia de transmissão do vírus e solidarizar-se com aqueles que se encontravam em situação financeira difícil: a pandemia afectara grandemente a vida económica de todos os países. Entretanto, ele, como um combatente ao serviço da humanidade, mostrou que houve gente que, à guisa de lobo do próprio homem, também agia de forma impiedosa, tal como o carrasco vírus.

Foi um acto ousado. As gerações vindouras terão um retrato fiel da forma como esteve a nossa sociedade. Na altura de vigência da pandemia da Covid-19, entre nós, registava-se 17642 casos, com 11223 recuperados e 408 óbitos.

Ngola, 30 de Junho de 2100

Do diário de Nguxi

FIM!